

No Recanto, moradora é expulsa pelos seus vizinhos

Tiros e muita confusão na invasão do Recanto das Emas. Os invasores da quadra 605 não achavam justo a funcionária da Mesbla Eliene Vieira Campos, de 33 anos, ter direito ao barraco de madeirite, construído em janeiro, já que quase nunca dormia lá. Na manhã de ontem, César Machado de Oliveira, 31 anos, conhecido como Gaúcho, decidiu expulsar a moradora.

Sentindo-se injustiçada e ameaçada, Eliene deu queixa na 27ªDP (Recanto das Emas). E a confusão só piorou. Policiais civis foram até o local, atrás de Gaúcho. Ele seria levado à delegacia para prestar esclarecimentos, mas teria se negado. Segundo a polícia, Gaúcho, ao fugir, fez três disparos contra os policiais.

Os invasores dão outra versão. Garantem que Gaúcho fugiu para não morrer. Afirmam que foram os policiais que chegaram atirando. "Acham que o Gaúcho é malandro. Mas é tudo mentira. Ele não cometeu crime nenhum. Só pediu para a Eliene desocupar o barraco", defende Maria Andrade da Silva, 33 anos, mãe de três filhos pequenos.

JUSTICEIRO

O Gaúcho é uma espécie de justiciero das famílias de invasores. "Ele expulsa os bandidos daqui. É nosso defensor", diz Amsterdã de Sousa, 33 anos, outro invasor da quadra 605. Por isso, a reação coletiva em defesa dele. "Ele é como um filho pra nós. Todo mundo gosta dele", afirma Valdeni Ribeiro de Souza, 48 anos, evangélica da Igreja Assembléia de Deus.

A polícia, contudo, não quis saber de muita conversa. Invadiu até o barraco de Gaúcho, à procura de armas e munição. "Temos denúncias de que ele anda armado aqui. Precisamos saber se ele tem posse dessa arma", explica o agente Osmar Jesus Guimarães, da 27ªDP. Na invasão, todos negam que Gaúcho andasse armado. "Claro que vão negar. Elegeram o cara como a polícia deles", comenta o policial civil Laurindo Costa.

A confusão ainda prosseguiu pela tarde. Mas o barraco de Eliene acabou sendo derrubado. "É recomendação do governo, para que a gente derrube os barracos vazios na invasão", justifica Amsterdã. Dito e feito. O barraco de um cômodo de Eliene foi destruído pelos invasores. E cada tábua de madeirite que caía era festejada.

Morando no barraco ao lado, Rosilene Vieira Campos, 21 anos, irmã de Eliene, assistiu à derrubada sem reagir. "Minha irmã só não dorme aqui toda noite porque às vezes sai tarde do trabalho e prefere ir para a casa do meu pai, no Setor P Norte, da Ceilândia", tentava explicar. Sua voz era abafada pelos gritos dos invasores.

"As pessoas fazem barraco, colocam um colchão rasgado ou um fogão que nem funciona, só para segurar o lugar", protesta Fabiana Soares, 18 anos, que trabalha na Associação dos Moradores Excluídos da Lista-Limpa (Amreli).

O presidente da associação, Gilberto Moitinho, prefere não se envolver. Mas anda com um gravador a tira-colo e grava todas as denúncias feitas pelos invasores. "Já que não pode-se mais construir barraco, o Gaúcho ganhava propina para vender os vazios", entrega. Até o final da tarde de ontem, Gaúcho ainda não havia retornado para o barraco na invasão.